

## A tradução da linguagem *drag* em *RuPaul's Drag Race*: um estudo sobre representação através de legendas<sup>1</sup> /

### *Drag language translation on RuPaul's Drag Race: a study on representation through subtitles*

*Jeremias Lucas Tavares* \*

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Realiza pesquisas em Tradução, com foco em Tradução Intersemiótica e Tradução Audiovisual, com ênfase em questões de gênero e sexualidade. Atualmente, está realizando uma pesquisa de dissertação sobre o uso da linguagem neutra na legendagem da série Pose.

 <http://orcid.org/0000-0001-8337-5999>

*Sinara de Oliveira Branco*\*\*

Professora Associada da Universidade Federal de Campina Grande, onde atua no Curso de Graduação de Licenciatura em Letras-Inglês e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Unidade Acadêmica de Letras. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e em Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: Tradução e Cultura, Tradução Intersemiótica e Cinema, Didática de Tradução.

 <http://orcid.org/0000-0003-2739-2254>

**Recebido** em 28 jul. 2020. **Aprovado** em: 06 de nov. 2020.

#### **Como citar este artigo:**

TAVARES, Jeremias Lucas; BRANCO, Sinara de Oliveira. A tradução da linguagem *drag* em *RuPaul's Drag Race*: um estudo sobre representação através de legendas. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 1, p. 210-235, jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10263147>

---

<sup>1</sup> Este artigo está baseado em pesquisa anterior, desenvolvida na Universidade Federal de Campina Grande, no ano de 2019, intitulado *Performance e Linguagem drag em RuPaul's Drag Race: um estudo sobre representação através de Legendas e Tradução Intersemiótica*.

\*

 [jlucastvrs@gmail.com](mailto:jlucastvrs@gmail.com)

\*\*

 [sinarabranco@gmail.com](mailto:sinarabranco@gmail.com)

## RESUMO

Desde 2009, o reality show *RuPaul's Drag Race* vem divulgando a cultura e a linguagem *drag* dos Estados Unidos. Essa cultura e linguagem são disseminadas não apenas nos Estados Unidos, mas em diversos países do mundo, como Brasil. Por meio da legendagem e da dublagem, o público não falante da língua inglesa pode ter acesso a *RuPaul's Drag Race*. A tradução desse *reality show* é um ponto relevante para discussão, uma vez que em governos opressivos contra minorias, como o Brasil e os Estados Unidos, é indispensável que haja produção acadêmica sobre/por mulheres, pretos ou LGBTQIs. Assim, discute-se sobre a tradução da linguagem *drag* através das legendas do reality show *RuPaul's Drag Race*, estudando a linguagem presente no programa, seus aspectos culturais e significados, e analisando a representação da tradução da linguagem *drag* para o português brasileiro. O arcabouço teórico deste artigo é formado pelas teorias da Tradução Audiovisual, com foco na legendagem. Além disso, há também uma discussão sobre a cultura e a linguagem *drag* dos Estados Unidos e do Brasil. O corpus da pesquisa é construído por seis imagens e legendas retiradas de três temporadas de *RuPaul's Drag Race*. Ao todo, são analisadas seis expressões e suas traduções nas legendas. A análise mostra legendas que traduzem a linguagem *drag* em inglês através de expressões da linguagem LGBTQI+ do Brasil, assim como legendas que não usam uma linguagem semelhante à apresentada no reality show. Os/as tradutores/as parecem cientes da cultura e da linguagem apresentadas no reality show ao legenda-lo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução Audiovisual; Legendagem; Linguagem *drag*; *RuPaul's Drag Race*.

## ABSTRACT

*Abstract: Since 2009, the reality show RuPaul's Drag Race has been spreading drag culture and language from the United States in many other countries in the world, such as Brazil. The audience, which may speak languages other than English, has access to RuPaul's Drag Race through subtitling and dubbing. The study of the translation of this reality show is very relevant, since in oppressive governments, as in Brazil and in the United States, the academic production about/by women, people of color and LGBTQIs is indispensable. Therefore, the drag language translation through the subtitles of RuPaul's Drag Race is discussed, by studying the language present in the reality show, its aspects and its meanings, and by analyzing the representation of the drag language translation to Brazilian Portuguese. The theoretical framework for this article is composed by the theories of Audiovisual Translation, focusing on subtitling. Besides that, the drag culture and language of both United States and Brazil is discussed. The corpus of this research is composed by six images and subtitles collected from three seasons of RuPaul's Drag Race. The analysis encompasses six expressions and their translations in the subtitles. The analysis shows subtitles that translate English drag language through expressions of the Brazilian LGBTQI+ language, as well as subtitles that do not use a language similar to the one presented in the reality show. The translators seem to be aware of the culture and the language presented in the reality show.*

**KEYWORDS:** Audiovisual Translation; Subtitling; Drag language; *RuPaul's Drag Race*.

## 1 Introdução

A prática de vestir-se com roupas designadas, socialmente, para outro gênero evoluiu, desde o século XVI, era elizabetana<sup>2</sup>, e se tornou a atividade que hoje é conhecida como *drag*. O termo *drag* é supostamente um acrônimo para a expressão “*dressed as a girl*” [vestido como uma garota], primeiramente usado por Shakespeare para se referir a atores homens que faziam papéis femininos. Outra explicação para o termo “*drag*” é relacionada aos longos vestidos, usados por esses artistas, arrastando [*dragging*] no chão.

---

<sup>2</sup> Todas as informações apresentadas na introdução deste trabalho, acerca da história da arte *drag*, foram retiradas do vídeo “*RuPaul's Drag Race' Cast Explains The History of Drag Culture*” produzido pela marca *Allure* e estrelado por *drags* participantes de *RuPaul's Drag Race*. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MHIE3RIkRi0>. Acesso em: 30 jun. 2020).

A prática *drag* chegou aos Estados Unidos da América no início do século XIX, sendo parte dos famosos *shows* de Vaudeville<sup>3</sup>. Desde esse período até a Rebelião de Stonewall, em 1969, as *drag queens* sobreviveram como uma subcultura escondida da sociedade. Nos anos 60, as *drag queens*, juntamente com mulheres *trans*, *gays* e lésbicas, começaram a protestar contra o tratamento injusto da polícia, e esses protestos deram origem à Rebelião de Stonewall, que foi um período de manifestações violentas de membros da comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*) contra invasões policiais, muito comuns na época, no bar *Stonewall Inn*, na cidade de Nova Iorque.

Após esse período, diversas *drag queens* e artistas *queer* conseguiram chegar ao estrelato, tornando-se ícones dessa contracultura, como Dame Edna, Divine, Tim Curry e Boy George. Durante os anos 90, uma nova era para a arte *drag* teve início, com a popularização de *drags* no cinema, televisão e teatro, como Miss Coco Peru, Miss Understood e Candis Cayne. RuPaul é a *drag* considerada como responsável por trazer a cultura *drag* para o *mainstream*<sup>4</sup>. RuPaul trilhou seu caminho como uma *drag* proeminente na cultura *pop* nos anos 90 até os anos 2000, criando, em 2009, *RuPaul's Drag Race*, um *reality show* de *drag queens* que se tornou uma plataforma nacional para artistas dos Estados Unidos.

O *reality show* americano *RuPaul's Drag Race* é atualmente exibido pela VH1 nos Estados Unidos e está em sua décima segunda temporada. O programa já ganhou nove prêmios *Emmy*, incluindo melhor *reality show* e melhor apresentador de *reality show*. Após a sua criação, 11 anos atrás, *RuPaul's Drag Race* atingiu um sucesso surpreendente e validou uma figura marginalizada, a *drag queen*, tornando-se um dos programas mais diversificados na televisão atualmente. RuPaul considera o *show* como responsável por ensinar aos mais jovens sobre a história de luta da comunidade LGBTQ+. Farrah Moan, uma das participantes da nona temporada do programa, reforça a ideia da importância do *show* quando relacionada com a conscientização dos mais jovens, apontando o clima político dos Estados Unidos como ameaçador para a comunidade LGBTQ+:

*Drag* é muito importante agora, especialmente com “aquele que não deve ser nomeado” como nosso presidente. Nós fizemos todo esse progresso e eu não consigo imaginar se eu estivesse no ensino médio agora. Crianças precisam de algo

<sup>3</sup> “Espetáculo composto de miscelânea de números sem relação entre si, como números cômicos, dança, mímica, etc.” (Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/vaudeville>. Acesso em: 30 jun. 2020).

<sup>4</sup> De acordo com as *drag queens* presentes no vídeo “*RuPaul's Drag Race' Cast Explains The History of Drag Culture*”. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MHIE3RikRi0>. Acesso em: 30 jun.. 2020).

para saber que suas estranhezas são surpreendentes.<sup>5</sup> (tradução nossa) (Disponível em: <https://www.elitedaily.com/entertainment/cast-rupauls-drag-race/1834131>. Acesso em: 30 jun. 2020).

A partir da fala de Farrah Moan, reforçamos a importância da discussão da temática deste artigo pela necessidade de lutar contra a opressão e a repressão presentes nas bases de governos contra as minorias, sejam essas minorias mulheres, pretos, estrangeiros ou LGBTQ+.

Além da cultura *drag*, *RuPaul's Drag Race* também divulga a linguagem usada por essa comunidade nos Estados Unidos, sendo disseminada não apenas entre os norte-americanos, mas em diversos países do mundo, como Brasil. Para que o público não falante da língua inglesa possa ter acesso ao programa, *RuPaul's Drag Race* é traduzido em várias línguas por meio da legendagem e da dublagem. O *reality show* já foi traduzido em francês, português brasileiro, alemão, italiano, espanhol e russo (legendas e dublagem disponíveis no aplicativo de *streaming* Netflix e no aplicativo WoW Presents Plus). O *reality show* é repleto de expressões usadas pela comunidade *drag* dos Estados Unidos, e a tradução dessas expressões é um importante ponto para discussão, pois pode haver problemas no processo tradutório, devido à especificidade das expressões e das culturas de partida e de chegada.

Levando esses pontos em consideração, buscamos discutir sobre a tradução da linguagem *drag* através das legendas do *reality show RuPaul's Drag Race*, estudando a linguagem *drag* presente no *reality show*, considerando seus aspectos culturais e significados, e analisando a representação da tradução da linguagem *drag* para o português brasileiro nas legendas do *reality show*.

## 2 Tradução Audiovisual, legendagem, cultura e linguagem *drag*

A tradução audiovisual (TAV) tem como objetivo principal melhorar ou promover a acessibilidade de produtos audiovisuais ou materiais audiovisuais, isto é, filmes, séries, vídeos, jogos para o público que não é proficiente na língua fonte<sup>6</sup> desses produtos. O termo TAV se refere a um tipo de tradução que precisa manter uma relação constante entre o texto escrito e outros sistemas de signos, como a imagem, e considerar as características especiais da comunicação oral (CINTAS; REMAEL, 2007).

<sup>5</sup> *Drag is so important right now, especially with 'he who shall not be named' as our president. I mean, we've made all of this progress and I can't imagine if I was in high school right now. Kids need something to know that their weirdness is amazing.* (Disponível em: <https://www.elitedaily.com/entertainment/cast-rupauls-drag-race/1834131>. Acesso em: 30 jun. 2020).

<sup>6</sup> A língua fonte é a língua na qual o produto audiovisual foi originalmente desenvolvido.

Segundo Meo (2010), a tradução audiovisual abrange a dublagem, a legendagem e a interpretação simultânea, sendo considerada como um campo de pesquisa para os Estudos da Tradução. A tradução audiovisual tem emergido como disciplina para ensino e pesquisa, tendo um papel importante no ensino de línguas e sendo “uma das áreas mais vibrantes e vigorosas dos Estudos da Tradução<sup>7</sup>” (CINTAS; ANDERMAN, 2009, p. 8).

Há duas principais formas de realizar a TAV: 1) mantendo a tradução na forma oral; e 2) traduzindo de um texto oral para um texto escrito. No primeiro caso, chamado de dublagem, substitui-se o áudio fonte do produto audiovisual parcialmente ou completamente. Quando há a mudança do texto oral para o texto escrito, mantendo-se o áudio fonte e adicionando o texto escrito ao produto audiovisual, há um processo chamado de legendagem – nosso interesse aqui. Meo (2010) afirma que a legendagem tem um papel aditivo, pois as legendas são adicionadas ao material audiovisual e se tornam parte dele, influenciando na mensagem geral transmitida. As legendas, além das falas, podem apresentar informações paralinguísticas (o que é visível, como placas; e o que audível e não-verbal, como telefones tocando ou barulho de chuva) que contribuem para o desenvolvimento da narrativa e ajudam na acessibilidade para os surdos (CINTAS; ANDERMAN, 2009).

Segundo Cintas e Remael (2007), há três componentes principais que estão relacionados ao processo de legendagem: a fala, a imagem e as legendas. Além da interação destes três componentes, as legendas também precisam estar adequadas ao espaço na tela, ao tempo da fala e à velocidade de leitura (do verbal e do não-verbal) dos receptores (CINTAS; REMAEL, 2007).

Em relação à mensagem pictórica, ou seja, tudo que está presente na imagem, do material audiovisual, Ivarsson e Carroll (1998) destacam a importância de traduzir informações indispensáveis presentes na imagem através das legendas, como placas e notícias (IVARSSON; CARROLL, 1998). Remael (2001) discorre que alguns componentes da mensagem pictórica do material audiovisual não precisam ser traduzidos, porque há um senso comum dos significados de alguns deles, por exemplo, uma placa de proibido fumar ou uma expressão facial de raiva.

As relações existentes nos processos de legendagem são maiores do que meramente um código escrito transmitindo elementos da oralidade; por lidar com meios, canais, sinais e códigos diferentes, a legendagem se configura também como um movimento de Tradução Intersemiótica, além de uma Tradução Audiovisual (TAV) (cf. ROSA, 2001).

A Tradução Intersemiótica, para Plaza (2003), se qualifica, primordialmente, como um movimento de interpretação e de produção de significados que aproxima e converge signos em

---

<sup>7</sup> [...] *audiovisual translation has evolved to the point where, as a discipline, it is now one of the most vibrant and vigorous fields within Translation Studies.* (CINTAS; ANDERMAN, 2009, p. 8)

diversas linguagens e meios, principalmente na multimídia e na intermídia. O autor afirma que a Tradução Intersemiótica se caracteriza como uma prática crítico-criativa de (re)produção, (meta)criação e (re)escritura. Portanto, a tradução e a criação são processos similares e que coexistem na Intersemiótica. Assim, a legendagem seria uma forma de Tradução Intersemiótica, uma vez que envolve diferentes meios (oral e escrito), canais (vocal-auditivo e visual), sinais (sons e letras) e códigos (linguagem verbal oral, linguagem verbal escrita e linguagem não verbal).

Os diferentes meios, canais, sinais e códigos discutidos por Rosa (2001) representam quatro mudanças relacionadas à língua na prática da legendagem. A primeira delas é uma mudança de meio, pois a língua muda de um meio verbal e falado (e muitas vezes de um meio não-verbal – as imagens) para um meio exclusivamente verbal e escrito. Em segundo lugar, há uma transferência de um canal vocal-auditivo e, por vezes, também visual para um canal exclusivamente visual. Outra mudança discutida por Rosa (2001) é a da forma de sinais – de uma substância fônica (os sons das palavras) para uma substância gráfica (as letras). Além disso, a legendagem também representa uma mudança de código, isto é, da linguagem verbal falada e da linguagem não verbal para a linguagem verbal escrita (ROSA, 2001).

A legendagem pode ser classificada em cinco grupos, categorizados a partir de diferentes critérios, sendo eles: linguístico, tempo para preparação, técnico, métodos de projeção e formato de distribuição. Neste artigo, detemo-nos ao critério linguístico, uma vez que a presente pesquisa está inserida nos Estudos da Tradução, na área dos Estudos Linguísticos. Meo (2010) afirma que a legendagem é o único tipo de tradução que engloba as três categorias propostas por Jakobson (1959): a intersemiótica, como apontado por Rosa (2001) e já discutida anteriormente; e a intralingual e a interlingual, que são dois tipos de legendagem apresentados por Cintas e Remael (2007).

De acordo com o parâmetro linguístico, as legendas podem ser divididas em três grupos: bilíngues, intralinguais e interlinguais. As legendas intralinguais podem ser usadas por surdos, para dialetos de uma mesma língua, para karaokê, para objetivos pedagógicos e para notícias (CINTAS; REMAEL, 2007). As legendas interlinguais servem para ouvintes ou surdos<sup>8</sup> que falam uma língua diferente da usada no material audiovisual. Aqui, nos ateremos à legenda interlingual para ouvintes, uma vez que, no período de coleta de dados, não havia legendas para surdos disponíveis nos aplicativos de *streaming* utilizados. Mais especificamente, atentamos ao que se refere à tradução dos sinais verbais apresentados acusticamente (a linguagem verbal oral), focando na linguagem LGBTQ+ norte-americana.

---

<sup>8</sup> A legendagem destinada a esse público deve incorporar, nas legendas, elementos audíveis como telefones tocando, pessoas batendo à porta e qualquer som que seja importante para a narrativa.

As legendas interlinguais devem simplificar ao máximo a mensagem do produto audiovisual, por dois motivos: 1) elas coexistem com a linguagem do filme, não a substituindo, com o público recebendo informação de dois meios ao mesmo tempo; e 2) o público terá uma única chance de ler a legenda, precisando captar a mensagem na primeira vez que a lê (SKUGGEVIK, 2009). Além disso, Skuggevik (2009) defende que as legendas precisam ter uma semelhança com a sonoridade das palavras do texto fonte, além de não contradizerem o que pode ser visualizado na imagem.

## 2.1 A legendagem e as variações linguísticas

A tradução audiovisual deve considerar todas as nuances culturais e idiomáticas do produto audiovisual, além de apresentar uma linguagem que seja correspondendo à linguagem presente no produto audiovisual (IVARSSON; CARROLL, 1998). Como a linguagem e cultura têm uma relação indissociável, no sentido de que “a linguagem é uma expressão da cultura e a cultura é expressa pela linguagem<sup>9</sup>” (PETTIT, 2009, p. 44)., o/a tradutor/a audiovisual precisa considerar, pelo menos, duas culturas durante a tradução: a cultura fonte, representada pelo produto audiovisual, e a cultura alvo, a ser expressa nas legendas. Para Pettit (2009), um/a tradutor/a audiovisual não precisa ser apenas bilíngue, mas também ter uma visão “bicultural” de ambas as línguas – fonte e alvo<sup>10</sup>.

Dois aspectos podem originar questões de intraduzibilidade: i) a língua alvo pode não ter uma palavra ou expressão que equivale ao significado de uma palavra ou expressão na língua fonte; ii) a situação sociocultural pode ser inconcebível na língua alvo (DUDEK, 2018). Rosa (2001) aponta que é uma tarefa difícil tentar encontrar uma correspondência entre as línguas alvo e fonte, levando em consideração seus contextos culturais, uma vez que a linguagem verbal oral é mais mutável que a linguagem verbal escrita e está diretamente ligada à comunidade que a produz (CINTAS; REMAEL, 2007). No caso do *reality show RuPaul's Drag Race*, a linguagem verbal oral usada pelos participantes pertence a uma comunidade específica: as *drag queens* dos Estados Unidos – nesse caso, o programa apresenta um recorte dessa linguagem, uma vez que as *drags* participantes não representam a comunidade *drag* estadunidense como um todo.

<sup>9</sup> “*Language is an expression of culture and culture is expressed through language.*” (PETTIT, 2009, p. 44)

<sup>10</sup> A língua alvo é a língua na qual o produto audiovisual é traduzido.

A principal pergunta feita por Cintas e Remael (2007, p. 185) sobre a legendagem em relação às variações linguísticas é: “[...] como traduzir as especificidades das variantes da língua falada em uma forma escrita rigorosa?<sup>11</sup>”. A fala possui suas próprias características e, quando se trata de alguma variante linguística, a fala se torna ainda mais diversa. A legenda precisa abarcar esses traços e ainda se preocupar em manter um registro formal da língua, por ser uma forma escrita. A variação linguística representada em *RuPaul’s Drag Race* é essencial para o entendimento do programa e da cultura *drag* em si, por isso, representá-la nas legendas é de suma importância. Cintas e Remael (2007) atentam para o fato de que não podemos considerar essas características como não traduzíveis ou evitáveis, pois elas são importantes e não são arbitrárias.

É necessário que o público alvo, que vai receber o produto audiovisual legendado, consiga compreender suas nuances idiomáticas; por tal razão, é importante traduzir a linguagem que se afasta da norma padrão, sejam “metáforas, expressões idiomáticas ou dialetos”, para chamar a atenção dos espectadores para essa característica do produto audiovisual (MEO, 2010, p. 24). Para a tradução de dialetos ou de termos que têm forte ligação com a cultura representada pelo produto audiovisual, é importante levar em consideração que a língua é um “sistema dinâmico e complexo”, pois sua dinamicidade se deve ao contexto da mensagem que a envolve, devido ao fato de o significado das palavras ser progressivamente formado pelo contexto (MEO, 2010), e sua complexidade ser formada pela quantidade de informação necessária para explicar um item lexical.

Sendo a oralidade tão complexa e dinâmica, a língua falada nem sempre vai ser uma expressão estável e clara, o que se torna um problema no processo de tradução, já que a legenda deve prezar pela estabilidade e pela clareza (MEO, 2010). Nesses casos, a responsabilidade de determinar a relevância dos elementos da língua falada e seu papel na legenda é do/a tradutor/a. Para tal, o/a tradutor/a precisa interpretar a mensagem transmitida pelo material audiovisual, levando em consideração características socioculturais e pragmáticas. Rittmayer (2009) discorre sobre três problemas que podem surgir no processo de tradução de gírias (que também podem acontecer com dialetos, socioletos, expressões idiomáticas, etc.): 1) nem sempre haverá uma expressão equivalente na língua alvo; 2) a língua alvo pode apresentar mais de uma expressão equivalente e o/a tradutor/a precisará escolher entre duas ou mais formas; 3) a censura feita pelo cliente ou pelo/a próprio/a tradutor/a, que pode provocar uma grande perda de sentido no texto na língua alvo. Corroborando essa

---

<sup>11</sup> “[...] how does one translate the sophistication of spoken language variants into a regimented written form?” (CINTAS; REMAEL, p. 185)

ideia, Rosa (2001, p. 219) discute a “estratégia de descentralização<sup>12</sup>”, que se refere ao uso de características da linguagem oral e da variedade não padrão na legenda. Para a autora, o uso desses registros da língua na legendagem está relacionado à tentativa de ser mais fiel ao texto da língua fonte. Meo (2010), por sua vez, reconhece que a tendência atual é prezar pela valorização de conhecimentos locais e pelas variedades culturais nos produtos audiovisuais, mas aponta que traduzir um dialeto da língua fonte usando um dialeto da língua alvo pode levar a problemas na compreensão. Entretanto, o uso desses dialetos não impediria que o público alvo tivesse uma compreensão geral do produto audiovisual, além de ter um papel importante no processo tradutório: o de mostrar ao público alvo a cultura representada no produto audiovisual.

No caso de haver um dialeto equivalente entre as línguas alvo e fonte, a tradução audiovisual parece um trabalho “simples”, mas Cintas e Remael (2007) apresentam outro desafio: quando não existe uma palavra similar na língua alvo. No caso de *RuPaul’s Drag Race* é muito provável que a falta de similares na língua alvo seja um problema, principalmente porque o *reality show* está repleto de neologismos. Para superar problemas que podem se manifestar durante o processo de legendagem, Cintas e Remael (2007) propõem algumas estratégias: 1) o empréstimo<sup>13</sup>, a incorporação de uma palavra da língua fonte na legenda na língua alvo; 2) a explicitação<sup>14</sup>, o uso de hiponímias, hiperonímias, generalizações, etc.; 3) a transposição<sup>15</sup>, a substituição de um conceito cultural da língua fonte por um conceito cultural da língua alvo; 4) a omissão<sup>16</sup>, que é simplesmente excluir uma dada expressão na legendagem – que não é o mais recomendado a fazer, apesar de ser necessário às vezes; 5) a compensação<sup>17</sup>, o uso de outras palavras ou expressões em outra parte do texto para compensar alguma omissão; 6) a adição<sup>18</sup>, para adicionar informações para simplificar alguma informação do material audiovisual. Cintas e Remael (2007) sugerem, também, a invenção de palavras como uma maneira de resolver a falta de equivalência entre as línguas fonte e alvo, principalmente quando o texto fonte é carregado de neologismos. Os autores discutem que criar neologismos na língua alvo e colocá-los entre aspas é recomendado.

## 2.2 A cultura e a linguagem *drag* nos Estados Unidos e no Brasil

---

<sup>12</sup> *Strategy of decentralization* (ROSA, 2001, p. 219)

<sup>13</sup> *Loan*

<sup>14</sup> *Explicitation*

<sup>15</sup> *Transposition*

<sup>16</sup> *Omission*

<sup>17</sup> *Compensation*

<sup>18</sup> *Addition*

A linguagem usada pela comunidade LGBTQ+ nos Estados Unidos surgiu em um período de desafios: a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era considerado crime, não havia debate sobre igualdade de direitos; eles/elas eram discriminados/as, marginalizados/as perante a considerada “sociedade normal”, eram expulsos/as de suas casas, e, por vezes, presos/as ou mortos/as. A necessidade de um código secreto para esta comunidade era superior a apenas diversão, sendo uma questão de sobrevivência. O código ajudava a identificar membros dessa mesma subcultura, além de protegê-los contra a descoberta por pessoas fora do grupo.

A primeira linguagem usada por esse grupo nos Estados Unidos se chama *Polari*, veio da Grã-Bretanha e era associada mais com homens *gays*. No final dos anos de 1960, quando a relação entre pessoas do mesmo sexo parou de ser considerada crime, o uso da linguagem diminuiu entre os homens *gays*, sendo popularizada por comediantes em programas de rádios. Aqui a linguagem em estudo será chamada de “linguagem *drag*”, pois essa nomenclatura não inclui todos os membros da comunidade LGBTQ+ como usuários/as, pois nem todos são, e considera a prática *drag* como não exclusiva de homens *gays*, sendo passível de interpretação também por mulheres e por pessoas de outros gêneros.

Apesar da não aceitação da sociedade, a comunidade LGBTQ+ continuou se expandindo e crescendo como uma subcultura rica em estética e linguagem, sendo grande influenciadora da cultura pop. O início dos concursos *drag* (que existem até hoje), nos anos de 1970, foi uma das maneiras de expansão da comunidade. Nesses eventos, a cultura e a linguagem *drag* foram se estabelecendo.

Durante os anos de 1990, o filme-documentário *Paris is Burning* (1990) foi lançado. O documentário, filmado por Jennie Livingston, demonstra a comunidade LGBTQ+ na cena *underground* – *queer* negros e *latinxs*<sup>19</sup> – em Nova Iorque nesse período. Nos anos 90, a subcultura LGBTQ+ já era bem estabelecida e tinha uma linguagem particular. Essa linguagem é a que mais se aproxima da usada até hoje. Ainda durante os anos 90, RuPaul Charles explodiu com sua canção *Supermodel (You better work)*. Essa música fez RuPaul sair da cena *underground* de Nova Iorque e se tornar a *drag queen* mais famosa do mundo. Dezesete anos após o lançamento do seu *hit*, RuPaul deu início a um *reality show* chamado *RuPaul's Drag Race*, que seria responsável pelo lançamento da carreira de

---

<sup>19</sup> *Latinxs* é uma forma neutra das palavras “latino” e “latina”. A expressão é usada por estudiosos, ativistas e jornalistas e faz parte de uma revolução linguística que objetiva transcender o binarismo de gênero e incluir as diversas identidades de descendentes de latino-americanos (Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/why-people-are-using-the-term-latinx\\_n\\_57753328e4b0cc0fa136a159](https://www.huffpostbrasil.com/entry/why-people-are-using-the-term-latinx_n_57753328e4b0cc0fa136a159). Acesso em: 01 jul. 2020).

muitas *drag queens*, pela apresentação dessa subcultura para a comunidade *mainstream* e pela disseminação da linguagem *drag* para a cultura *pop* no Século XXI.

A linguagem usada pela comunidade LGBTQ+ no Brasil se chama pajubá. Este dialeto se popularizou em 2018, devido a uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do mesmo ano, que trazia o texto ‘*Acuenda o Pajubá: conheça o ‘dialeto secreto’ utilizado por gays e travestis*<sup>20</sup>. No texto, havia algumas expressões desse dialeto, bem como um pouco sobre sua origem e sobre um dicionário, *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, que foi lançado em 2006, com diversos significados das expressões dessa linguagem. A questão gerou diversos debates nas redes sociais e mostrou a urgência de debater essa forma de expressão antes tão negligenciada.

O dialeto pajubá incorpora termos da língua portuguesa com termos de grupos étnico-linguísticos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos – *nagô* e *ioruba* –. Essa linguagem é amplamente utilizada nas práticas religiosas afro-brasileiras. A linguagem começou a ser usada pela comunidade LGBTQ+ quando eles começaram a frequentar terreiros de candomblé, pois era uma das poucas religiões que acolhia minorias.

Assim como a linguagem *drag* dos Estados Unidos, o pajubá servia como um código secreto necessário para a sobrevivência. Em 1987, por exemplo, durante um mês, a Operação Tarântula da Polícia Civil em São Paulo, que usava o combate à AIDS como pretexto, perseguiu cerca de trezentas travestis e mulheres trans arbitrariamente. Além de essa linguagem ser necessária para a resistência, ela também cria uma afirmação identitária, que une os membros de uma mesma comunidade que compartilham das mesmas lutas.

### 3 Analisando a linguagem nas legendas de *RuPaul’s Drag Race*

O *corpus* utilizado para análise é construído por seis imagens e legendas retiradas do programa *RuPaul’s Drag Race*, especificamente das oitava e nona temporadas, e *RuPaul’s Drag Race All Stars*, especificamente da terceira temporada. As imagens coletadas serão apresentadas em um quadro que contém a fonte da imagem, bem como as legendas e o texto fonte. Como o *reality show* em estudo tem a participação de diversas *drag queens*, apenas três participantes foram escolhidas para

---

<sup>20</sup> 1º Dia, Caderno 1 – Azul, 1ª Aplicação, Questão 37. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 01 jul. 2020)

análise: a apresentadora, RuPaul<sup>21</sup> e as participantes Sasha Velour<sup>22</sup>, da 9ª temporada, e Trixie Mattel<sup>23</sup>, participante da terceira temporada de RuPaul's Drag Race All Stars.

Para a coleta de dados, selecionamos as cenas em que as participantes estão montadas, ou se montando ou se desmontando, podendo ser durante os desafios, no palco principal ou no *werkroom*. As cenas foram escolhidas de acordo com a presença das expressões da linguagem *drag*. Identificamos a presença dessas expressões durante as cenas com o auxílio das legendas intralinguais em língua inglesa, disponível na *Netflix* e no *WoW Presents Plus*. A única ferramenta usada para a captura de tela foi a ferramenta do *Windows (print screen)*. A tecla *print screen* era pressionada juntamente com a tecla da bandeira do *Windows (win + print screen)* para que a captura de tela fosse armazenada em uma pasta.

Para delimitar os dados, escolhemos apenas as expressões que se repetiam mais de quatro vezes: *bitch* (seis vezes), *category is* (seis vezes), *tuck* e suas variações (seis vezes), *squirrel friends* (cinco vezes), *gag* e suas variações (quatro vezes), e *queer* (quatro vezes). Para construção do corpus<sup>24</sup>, serão usadas as seis expressões discutidas acima, sendo uma imagem para cada uma delas, totalizando seis imagens.

### 3.1 As expressões e suas traduções para as legendas

#### 3.1.1 *Bitch*

A palavra *bitch* é usada para designar o feminino de cachorro, ou seja, cachorra ou cadela. Entretanto, *bitch* é comumente usada como um termo depreciativo contra mulheres, para representar promiscuidade. Nesse caso, a palavra tem uma carga violenta e misógina. Todavia, nos anos 90, a palavra *bitch* começou a ser tomada pelo movimento feminista como algo empoderador – em vez de desvalorizar, *bitch* passou a ser usada como sinônimo de uma mulher forte, independente e confiante, como discutido por Pardes (2014) em matéria publicada na revista *Vice*.

*Bitch* continua a ser usada de forma pejorativa, mas também se usa a palavra a partir desse novo significado. De qualquer forma, *bitch* ainda não têm uma conotação totalmente positiva. A comunidade LGBTQ+, por exemplo, é uma das comunidades que usa a palavra em questão de forma

<sup>21</sup> RuPaul é o nome artístico de RuPaul Andre Charles, nascido em 1960 nos Estados Unidos.

<sup>22</sup> Sasha Velour é o nome artístico de Alexander Hedges Steinberg, nascido em 1987 nos Estados Unidos.

<sup>23</sup> Trixie Mattel é o nome artístico de Brian Markus Firkus, nascido em 1989 nos Estados Unidos.

<sup>24</sup> O corpus expandido da pesquisa do autor tem setenta e quatro imagens no total, que foram coletadas de trinta e seis episódios do *reality show*. Entretanto, o recorte apresentado nesse artigo possui oito imagens.

ampla. *Gays* e *drag queens* costumam chamar uns aos outros de *bitch*. Essa expressão é extensivamente usada por todas as participantes de *RuPaul's Drag Race*, por exemplo.

Entretanto, o movimento feminista critica o uso de *bitch* pelos membros da comunidade LGBTQ+, principalmente gays e homens bissexuais, pois parece ser mais misógino do que emponderador se não for usado por mulheres. Então, a tradução dessa palavra no contexto do programa deve ser discutida, pois além de ser parte da linguagem em estudo, pode causar problemas de tradução dada a problemática apresentada. Várias traduções possíveis aparecem em dicionários para essa palavra, como megera e vadia, no dicionário *online Word Reference*<sup>25</sup>, meretriz, no Michaelis Dicionário Universal Inglês<sup>26</sup>, e mulher de vida fácil, no Minidicionário Escolar Inglês<sup>27</sup>.

Como pode ser observado no quadro 1, o/a tradutor/a optou por usar a palavra 'bicha' na legenda. Como discutido anteriormente, *bitch* pode ter várias traduções, mas nenhum dicionário dos que foram usados nesta pesquisa citou 'bicha' como uma possível tradução. Entretanto, a escolha do/a tradutor/a está, provavelmente, relacionada a uma visão pragmática do termo. A expressão *bitch* quando usado pelas *drag queens* no *reality show* em estudo funciona como um tipo de vocativo, uma maneira de chamar alguém.

#### Quadro 1<sup>28</sup> - RuPaul anuncia as cinco melhores



Fonte: RPDR 2017, T8E10, 00:39:42

Texto fonte: "Top five, <b>bitches</b> "	Tradução: "As cinco melhores, <b>bicha</b> "
--	--

Se pensarmos numa transposição de conceitos entre a língua fonte e a língua alvo, como discutido por Cintas e Remael (2007), veremos que a palavra 'bicha' é usada pela comunidade *drag* do

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.wordreference.com/enpt/bitch>. Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>26</sup> *BITCH*. In: Michaelis Dicionário Universal Inglês. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003. p. 32.

<sup>27</sup> *BITCH*. In: Conrad, David. Minidicionário Escolar Inglês. São Paulo: DCL, 1999. p. 63.

<sup>28</sup> Nos quadros apresentados, é possível observar a imagem, a especificação se a imagem pertence a *RuPaul's Drag Race* ou a *RuPaul's Drag Race All Stars*, com as abreviações "RPDR" e "RPDR AS", respectivamente. Além disso, há o ano de exibição da temporada e a especificação da temporada e episódio (por exemplo, T8E5). Por fim, há a transcrição do texto fonte em língua inglesa e do texto traduzido em língua portuguesa, ambos com as expressões a serem analisadas em negrito.

Brasil com o mesmo intuito da palavra *bitch* em relação à comunidade *drag* norte-americana. Parece haver uma continuidade entre a fonte e a tradução, como apresentado por Plaza (2003). Um ponto importante dessa tradução é que a transposição de um conceito cultural da língua fonte em um conceito cultural da língua alvo talvez não gere problemas, uma vez que a palavra ‘bicha’ é amplamente usada no Brasil (a positividade ou negatividade do uso desse termo também é um ponto a ser questionado).

As expressões ‘bicha’ e *bitch* passaram pelo mesmo processo de ressignificação: ambas as palavras eram usadas como termos depreciativos e se tornaram, dentro de comunidades específicas, termos de empoderamento. Contudo, esses termos continuam com uma carga de marginalização e, ao mesmo tempo, de deboche, o que mostra ainda mais a questão da transposição de conceitos entre as línguas.

Como discutido por Meo (2010), as legendas estão interligadas com as características pragmáticas do material audiovisual, nesse caso, *RuPaul’s Drag Race*. Considerar o contexto pragmático de uma dada expressão é considerá-la em um caso específico de uso, que é uma parte importante do processo tradutório. A escolha do/a tradutor/a parece ter sido motivada pela tentativa de transpor uma expressão da língua fonte, que é relacionada a uma comunidade específica, por uma expressão que tem um uso semelhante na língua alvo, relacionada a uma comunidade semelhante à apresentada na língua fonte. Há também a possibilidade de os/as tradutores/as terem optado por ‘bicha’ pela semelhança sonora entre as duas palavras, como discutido por Skuggevik (2009), além de que ambas começam com a mesma letra, o que ajuda na sincronização com o movimento dos lábios.

### 3.1.2 *Category is*

Em *Paris is Burning* (1990), como discutido por Butler (1993), os participantes dos bailes (*balls*) competiam em categorias, como *executive realness* ou *butch queen realness*. Essas categorias eram anunciadas antes dos desfiles para que o público pudesse saber o que estavam prestes a ver. Para tal anúncio, a expressão usada era *category is*. Quando o desfile das participantes mais femininas estava prestes a começar, por exemplo, era anunciado “*category is FQ realness*”<sup>29</sup>. Até hoje essa expressão é usada entre a comunidade *drag* americana. Em *RuPaul’s Drag Race*, por exemplo, a expressão é

---

<sup>29</sup> “A categoria é participante mais feminina”

usada por RuPaul para informar ao público e à bancada de jurados qual é o tema do desfile, como pode ser observado no quadro 2.

Há um movimento no Brasil que se assemelha aos bailes de Nova Iorque nos anos 90, que também está relacionado com questões de orgulho e resistência. Esses grupos no Brasil são mais focados na prática do *vogue*, mas ainda não há uma cultura bem difundida em todo o país. Portanto, não há o mesmo conceito de uma categoria para um desfile ou bailes no Brasil. De qualquer forma, a tradução na legenda é uma tradução literal da expressão, para a ‘categoria é’, que não apaga o sentido da expressão em língua inglesa: *category is* é relacionado com uma categoria na qual alguém vai competir.

### Quadro 2 – RuPaul anuncia a categoria



Outro aspecto que pode ser observado na tradução em questão é a palavra *rudemption*. Essa expressão é um neologismo criado no programa para a palavra *redemption*, que significa redenção. Nesse desfile, a categoria era redenção: uma chance de as *queens* refazerem um dos *looks* de suas temporadas originais que receberem críticas negativas (uma vez que essa imagem é de uma temporada do *All Stars*). A palavra *redemption* se tornou *rudemption* como um trocadilho com o nome Ru, apelido de RuPaul. As legendas intralinguais em inglês, disponíveis no aplicativo de *streaming*, destacavam a palavra em itálico. Na tradução, o/a tradutor/a também criou um neologismo com a palavra redenção usando o nome Ru – criando assim, a palavra “rudenção” (que foi usado entre aspas). Criar um neologismo na língua alvo para traduzir um neologismo usado na língua fonte e colocá-lo entre aspas é uma das estratégias discutidas por Cintas e Remael (2007).

### 3.1.2 Gag

Há várias definições da palavra *gag* em dicionários, como os mordança, piada, amordaçar e esforçar-se para vomitar<sup>30</sup>. No caso do uso dessa palavra pela comunidade *drag*, há uma conotação diferente. Segundo o *Urban Dictionary*<sup>31</sup>, *gagging* é uma gíria usada inicialmente por homens gays nos anos 90 para descrever algo excepcional, algo tão impressionante que deixa alguém “engasgado”.

Na cena apresentada no quadro 3, Trixie estava conversando com uma das competidoras sobre a eliminação de uma das *drags* da competição. Na legenda, a tradução de duas falas pode ser visualizada: a primeira, de Trixie Mattel, “*I was a little gagged*”, traduzida como “Fiquei meio passada”, e a segunda, de BenDeLaCreme, “*I was totally gagged*”, traduzida como “Eu fiquei muito passada”.

Uma das definições do Dicionário Informal<sup>32</sup> para ‘passado’ é pasmo, o dicionário também provê um exemplo dessa palavra em uso: “Menina, tô passada com esse bafão!”<sup>33</sup>. A escolha do/a tradutor/a por ‘passada’ para traduzir a expressão *gagged* foi provavelmente movida pela tentativa de achar um termo na língua alvo que se assemelhasse com o termo da língua fonte – a transposição, como discutido por Cintas e Remael (2007). Mesmo que *gagged* signifique engasgada (de forma literal), quando usada por essa comunidade tem a conotação de estar impressionada com algum ocorrido. A palavra ‘passada’ é uma expressão bastante usada no português para contar a mesma ideia de *gagged* e, mesmo que seja utilizada por muitas pessoas, surgiu na comunidade LGBTQ+. Além disso, a expressão ‘passada’ foi inicialmente usada por uma comunidade semelhante a que usa *gagged* na língua fonte. Isso demonstra consciência por parte dos/as tradutores/as sobre as especificidades da linguagem usada em *RuPaul’s Drag Race* e a necessidade de adaptá-las, da melhor forma possível, para que o público alvo entenda o papel dessa linguagem no programa e consiga entender o material audiovisual sem nenhum problema de compreensão.

### Quadro 3 – Trixie comenta sobre a eliminação



<sup>30</sup> GAG. In: Michaelis. Disponível em: <http://www.michaelis.com.br/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.urbandictionary.com/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/passado/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Fonte: RPDR AS 2018, T3E4, 00:02:30	
Texto fonte: "I was a little gagged"	Tradução: "Fiquei meio passada"

### 3.1.4 Queer

A palavra *queer* tem diversas definições disponíveis em dicionários. Como adjetivo *queer* significa “original, excêntrico, raro”<sup>34</sup>. Como uma gíria, a palavra *queer* pode ser definida como “homossexual”<sup>35</sup>. Fressles e Rauch (1997) definem a expressão *near queer* como “alguém que está quase fora do armário”<sup>36</sup>. Conseqüentemente, *queer* poderia ser considerado aquele que já saiu do armário. Os mesmos autores definem *queer* como “homossexual. Antes pejorativo, mas agora usado por lésbicas e gays numa tentativa de desestigmatizar o termo” (FESSLER; RAUCH, 1997, p. 41)<sup>37</sup>.

O que pode ser analisado nessa definição por Fessler e Rauch (1997) é que o livro foi escrito em 1997 e, nesta época, os autores definem a palavra em estudo como um termo em mudança de uma conotação negativa para uma positiva. É válido questionar como a palavra *queer* é considerada hoje, se é negativa ou positiva. Nos estudos de Butler (1993) a palavra *queer* é usada como um termo positivo, empoderado e ressignificante para as normas de gênero. Butler (1993) define a ideia de *queer* como além da homossexualidade, sendo o termo relacionado com tudo aquilo que foge da norma heterossexual e da dualidade de gênero, ou seja, *gays*, lésbicas, transexuais, bissexuais, *drag queens*, etc. Morton (2002, p. 121 apud Colling, 2007, p.2) define *queer* como “entrar e celebrar o espaço lúdico de uma indeterminação textual”.

#### Quadro 4 – Sasha Velour se apresenta



<sup>34</sup> QUEER. In: Conrad, David. Dicionário Escola Inglês. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003, p. 262.

<sup>35</sup> QUEER. In: Michaelis Dicionário Universal Inglês. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003, p. 262.

<sup>36</sup> Near queer: one who is nearly out of the closet. (FESSLER; RAUCH, 1997, p. 39)

<sup>37</sup> Queer: homossexual. Once derogatory, now often used by lesbians and gays in an effort to destigmatize the term. (FESSLER; RAUCH, 1997, p. 41)

No quadro 4, a palavra *queer* na legenda foi traduzida como ‘biba’. A palavra ‘biba’ é definida como “homossexual” e “eufemismo para homossexual” no Dicionário Informal<sup>38</sup>. Por outro lado, a palavra *queer*, como discutido anteriormente, não é relacionada unicamente a homens cis *gays*, como sugerido pela legenda. Sasha Velour, quando definiu Nova Iorque como o berço da arte *queer* provavelmente não estava falando especificamente de artistas homens cis *gays*; contudo, a *drag* só cita homens *gays* como referência para o movimento artístico. Nesse caso, parece apropriado traduzir *queer* como ‘biba’.

Outra questão presente na cena que precisa ser levada em consideração é a seriedade da estética *camp* ou da arte *queer*, como chamada por Sasha. A palavra ‘biba’, mesmo sendo considerada como uma tradução possível para *queer*, é uma gíria que por vezes é considerada pejorativa, então, usá-la para se referir à algo tão importante como a representação da comunidade LGBTQ+ nas artes pode ser problemática. Cintas e Remael (2007) destacam a importância de usar uma expressão da cultura alvo que pareça apropriada para o contexto do produto audiovisual e que tenha uso similar ao da cultura fonte. Portanto, é válido questionar até que ponto a palavra ‘biba’ pode ser usada para traduzir a ideia de uma arte/estética *queer*, considerando-se toda a representatividade e relevância de tal assunto.

O uso da expressão ‘biba’ pela comunidade *drag* no Brasil pode ser problematizada, a partir da necessidade de verificar como os falantes nativos da língua alvo se comportam linguisticamente antes da tradução (cf. NIDA, 1945). Há várias expressões que podem ser relacionadas à ideia geral da palavra *queer*, como a sigla LGBTQ, e outras que podem ser relacionadas à ideia de homem cis *gay* – se esta foi a intenção de Sasha –, como *gay*, *bicha*, *viado*. Portanto, é necessário questionar o uso dessas expressões pela comunidade em estudo durante o processo de legendagem.

O/a tradutor/a deve também atentar para o impacto e o valor emocional de uma dada palavra, como discutido por Cintas e Remael (2007). Vale salientar que o uso da palavra *queer* sem distinção da palavra em inglês é uma possibilidade, visto que este é o termo usado academicamente e em contextos de ativismo no Brasil (e.g. Teoria *Queer*, literatura *queer*, movimento *queer*, etc.). Nesse

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/biba/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

caso, o/a legendista estaria usando a estratégia de empréstimo, como discutida por Cintas e Remael (2007).

### 3.1.5 Squirrel Friends

O *Urban Dictionary* define *squirrel friends* como “referência entre *drag queens* para se referir a outras *drag queens*, especialmente àquelas que escondem ‘bolas’”<sup>39</sup>. Entretanto, o que aqui foi traduzido como “bolas” é literalmente traduzível como “nozes” (“*nuts*”). Em inglês, “*nuts*” é usado como uma expressão informal para se referir aos testículos, assim como “bolas”, ou mais vulgarmente “ovos”, em português. *Drag queens* são conhecidas por esconder seus pênis e testículos (prática que será discutida no próximo tópico) para criar uma ilusão de um corpo mais “feminino”, ou seja, esconder as “bolas”, como definido pelo dicionário. RuPaul – provavelmente a responsável pela criação da expressão ou pelo menos por sua popularização – comenta sobre a “linguagem secreta das *drag queens*” em uma entrevista para o *The Late Show*<sup>40</sup>. Nesse caso, RuPaul explica que “*squirrel friends*” são amigas que gostam de “bolas”.

Em inglês, a expressão usada para se referir a amigas que são *drag queens* é “*squirrel friends*”, pois esquilos (tradução de “*squirrel*”) são conhecidos por esconder suas nozes para comê-las posteriormente. O trocadilho faz sentido em inglês já que a palavra “nozes” (“*nuts*”) é uma gíria para testículos. Se considerarmos a definição de RuPaul de “*squirrel friends*” o trocadilho é semelhante, mas ao invés de ter uma conotação relacionada à prática *drag*, tem uma conotação mais sexual: “*squirrel friends*” são amigas que gostam de homens, ou como explicado por RuPaul, das suas “bolas”.

#### Quadro 5 – RuPaul inicia a deliberação



<sup>39</sup> “Reference among drag queens to their nuts.” Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=squirrel%20friends>

<sup>40</sup> RuPaul And Stephen Colbert. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=...>

Fonte: RPDR 2016, T8E3, 00:33:07

Texto fonte: “All right, now just between us **squirrel friends**”

Tradução: “Aqui entre nós, **amigas drags**”

A tradução dessa expressão para o português pode ser problemática, pois a referência cultural trazida por ela é difícil de conceber na cultura alvo, como discutido por Dudek (2018). Primeiramente, ‘nozes’ não é usado em português para se referir a testículos. Em segundo lugar, não há esquilos no Brasil – portanto, usar a palavra ‘esquilos’ na tradução pode gerar um problema de compreensão das legendas. Nesse caso, a visão “bicultural”, como discutida por Pettit (2009) é de suma importância para uma tradução compreensível. Para tradução dessa expressão, há uma problemática de extratextualidade, pois o conceito da língua fonte não existe na língua alvo (MEO, 2010).

A fala de RuPaul apresentada na imagem do quadro 5, “*All right, now just between us squirrel friends*”, é repetida em maioria dos episódios nesse momento específico (quando as *queens* precisam sair do palco principal para os/as jurados/as comentarem suas impressões sobre as performances daquele desafio). A expressão que merece destaque nessa fala é *squirrel friends* que foi traduzida como “amigas *drags*”. Como apontado anteriormente, *squirrel friends* é usada para denominar suas amigas que fazem *drags* ou, como definido por RuPaul, suas amigas que gostam de “bolas”. No caso dessa tradução, o/a legendista conseguiu manter a especificidade da expressão: não são quaisquer amigas, são amigas que fazem *drag*.

Na tradução, não há nenhuma referência a esquilos ou alguma conotação sexual que é uma das principais motivações para o trocadilho. Traduzir essa expressão de uma forma que a conotação sexual continuasse na língua alvo não é uma tarefa fácil, pois como discutido anteriormente não há um conceito similar em português relacionado a esquilos ou a nozes. De qualquer forma, o/a tradutor/a conseguiu manter a característica especial da palavra (em se referir apenas a pessoas de um meio específico) e a expressão “amigas *drags*” provavelmente não causaria problemas na recepção das legendas.

### 3.1.6 Tuck

A expressão *squirrel friends* significa “amigas que escondem as ‘bolas’”, como discutido anteriormente. “Esconder as bolas” para criar uma ilusão de uma vagina é uma das práticas mais comuns no meio *drag* (mesmo que não seja uma regra). Essa prática, em inglês, é chamada de *tuck*. O site *Daily Beast* define *tuck* como: “verbo: fixar o genital masculino de um modo que não fique visível

para que a pessoa lembre uma mulher”. Substantivo: o produto da fixação do genital masculino (tipicamente com fita adesiva e várias meias calças) para que não fique visível.<sup>41</sup>

Na linguagem usada pelas *drags* no Brasil, também conhecida como pajubá, há uma expressão semelhante para a mesma prática: ‘aquendar’. Nesse caso, essa palavra não significa exclusivamente o ato de esconder a genitália praticado por *drag queens*, mas também significa ter relações sexuais, segundo o Dicionário Informal<sup>42</sup>. *Untuck* é uma inflexão do verbo *tuck* em Língua Inglesa para se referir ao ato de “tirar o ‘tuck’”<sup>43</sup>. Assim como no inglês, a expressão ‘aquendar’ tem uma inflexão: ‘desaquendar’.

#### Quadro 6 – Trixie no *Snatch Game*



Michelle, minhas bolas são tão aquendadas

Fonte: RPDR AS 2018, T3E5, 00:17:08

<b>Texto fonte:</b> “My balls are tucked so tight”	<b>Tradução:</b> “Michelle, minhas bolas são tão aquendadas”
--	--

Na cena apresentada no quadro 6, a fala de Trixie, “*my balls are tucked so tight*”, é traduzida como “minhas bolas são tão aquendadas”. Primeiramente, há um problema relacionado ao verbo ser/estar, o “*to be*”. Uma *drag* fica ‘aquendada’ por um curto período de tempo, geralmente durante suas apresentações. Portanto, é importante refletir se “são tão aquendadas” é a expressão mais adequada para determinar uma ação que dura um dado tempo – geralmente, as “bolas” estão ‘aquendadas’, não são ‘aquendadas’. De qualquer forma, a aparente confusão entre os verbos “ser” e “estar” não muda por completo a ideia da frase.

Em segundo lugar, o/a tradutor/a optou por utilizar a expressão ‘aquendada’ para traduzir *tucked*, que é a expressão usada pela comunidade *drag* brasileira para se referir a essa prática. Como

<sup>41</sup> *tuck* (v.): to affix one's male genitalia in a way that it is not visible so that one resembles a woman (n.): the product of a man affixing his genitalia (typically with duct tape and multiple pairs of pantyhose) so that it is not visible. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/rupauls-drag-race-slang-tuck-sickening-and-more-drag-terms?ref=scroll>. Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.qualeagiria.com.br/giria/aquendar/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

apontado por Cintas e Remael (2007), a linguagem está diretamente ligada à comunidade que a produz e atentar para essas especificidades da língua, buscando estabelecer uma equivalência não só entre as duas línguas, mas entre a cultura fonte e alvo, é de suma importância para o processo tradutório. O uso da expressão ‘aquendada’ para a tradução da expressão *tucked* mostra uma preocupação e uma valorização dos conhecimentos da comunidade dos Estados Unidos e do Brasil, o que é importante no processo de legendagem (MEO, 2010).

### Considerações finais

Frente aos governos repressivos e excludentes em relação a minorias, discutir sobre assuntos relacionados à comunidade LGBTQ+ é de extrema importância para o fortalecimento da comunidade e de suas representações no meio acadêmico. A discussão aqui proposta tem como autor principal um autor *queer*, falando sobre pessoas e linguagem *queer*, escrito com essa intenção de problematizar um pouco do universo *queer*.

Atrabéds da análise da tradução de expressões da linguagem *drag* presentes no *reality show RuPaul's Drag Race*, fazendo uma contextualização da história das *drag queens* desde o uso da prática de *cross-dressing* por Shakespeare, passando pela Rebelião de Stone Wall e seguindo na criação de *RuPaul's Drag Race*, busca trazer visibilidade para a necessidade de pensar a linguagem *drag* em contexto dos estudos da tradução.

No total, seis imagens e legendas foram analisadas com base na teoria discutida na segunda seção. Analisamos a tradução das expressões da linguagem *drag* para o português, seguindo as estratégias discutidas por Cintas e Ramael (2007). As imagens coletadas mostraram traduções que buscaram um parâmetro que considera as especificidades da linguagem *drag*. Essa preocupação com a linguagem usada por essa comunidade representa a tendência a prezar pela valorização dos conhecimentos locais e variedades culturais que são apresentadas nos materiais audiovisuais, como discutido por Meo (2010). Portanto, foi possível identificar que os/as tradutores/as de *RuPaul's Drag Race* se mostram cientes e preocupados com as especificidades dessa linguagem e com a necessidade de mantê-la representada nas legendas em português. O/A tradutor/a do *reality show* em questão parece, portanto, ter um conhecimento de ambas as línguas e linguagens envolvidas na tradução, bem como de ambas as culturas, oferecendo uma visão “bicultural” do tema.

Entretanto, algumas das imagens apresentaram traduções que parecem evitar termos próprios da linguagem *drag* no Brasil, como o uso de ‘esconder o pacote’ em vez de ‘aquendar’, ou o uso de “transformismo” em vez de “*drag*”. Nesses casos, os/as tradutores/as parecem receosos em usar a linguagem em português que é similar à do material audiovisual, o que pode expressar a preocupação que o público possa ter dúvidas acerca das informações nas legendas. Mas como discutido por Meo (2010), o uso dessas expressões em língua portuguesa brasileira nas legendas não impede que o público tenha uma compreensão geral do *reality show* e ainda mostra ao público alvo, que pode não conhecer essa linguagem, uma nova visão da cultura representada no material audiovisual e, com as legendas, a cultura semelhante no contexto nacional.

É importante também que estudos desta natureza prossigam. Ademais, a partir de pesquisas sobre a recepção das legendas é possível identificar se o público está ou não preparado para assistir ao *reality show* com legendas que fazem o uso pleno da linguagem *drag* no Brasil. Por fim, é necessário entender que não há como separar linguagem de cultura – uma não pode ser entendida sem a outra, uma não existe sem a outra. Portanto, estudar práticas linguísticas das *drag queens* dos Estados Unidos e suas traduções e relações com as práticas linguísticas de uma comunidade semelhante no Brasil é um rico campo de pesquisa que ainda pode ser bastante explorado por estudos da área de linguagem, antropologia, psicologia e publicidade.

## Referências

ALENCAR, Valéria Peixoto de. Teatro no Renascimento (2) – Inglaterra de Shakespeare se destaca. Educação UOL. São Paulo: UOL. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/teatro-no-renascimento-2-inglaterra-de-shakespeare-se-destaca.htm>. Acesso em: 17 mai. 2019.

BONNER, Wesley. ‘RuPaul’s Drag Race’ Cast On Why Drag Is So Important. Elite Daily. Disponível em: <https://www.elitedaily.com/entertainment/cast-rupauls-drag-race/1834131>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BRESNAHAN, Haley. 5 Reasons Why “RuPaul’s Drag Race” Is One of the More Important Shows on TV. Disponível em: <https://femmagazine.com/5-reasons-why-rupauls-drag-race-is-one-of-the-more-important-shows-on-tv/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BUTLER, Judith P. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. USA: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith P. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. USA: Routledge, Chapman & Hall, 1990.

CARROLL, Mary; Ivarsson, Jan. *Code of Good Subtitling Practice*. Berlin: European Association for Studies in Screen Translation, 1998.

CINTAS, Jorge Díaz; ANDERMAN, Gunilla. Introduction. In: CINTAS, Jorge Díaz; ANDERMAN, Gunilla. *Audiovisual Translation - Language transfer on screen*. UK: Palgrave Macmillan, 2009. 271 p.

CINTAS, Jorge Díaz; REMAEL, Aline. *Audiovisual Translation: subtitling*. USA: Routledge, 2007.

COLLING, Leandro. *Teoria Queer*. In: Mais definições em trânsito. Bahia: UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2019.

CONRAD, David. *Minidicionário Escola Inglês*. São Paulo: DCL, 1999.

DAEMS, Jim. *RuPaul's ambivalent appropriation of pop culture*. In: DAEMS, Jim (ed.). *The Makeup of RuPaul's Drag Race: Essays on the Queen of Reality Shows*. USA: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2014. Edição do Kindle.

DAMSHENAS, Sam. RuPaul's Drag Race is the most important queer TV show in HERstory, and here's why. GAYTIMES. Disponível em: <https://www.gaytimes.co.uk/culture/105475/ropauls-drag-race-is-the-most-important-queer-tv-show-in-herstory-and-heres-why/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

Dicionário InFormal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 05 mai. 2019.

DUDEK, Anna. *The Untranslability of Dialects in Subtitling: An Analysis of Translation Techniques Used in the English Subtitles to The Peasants*. Anglica Wratislaviensia, Polônia, 2018.

ETKIN, Jaime. *RuPaul's Drag Race slang: tuck, sickening and more drag terms*. The Daily Beast. Estados Unidos: The Daily Beast, 2011. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/ropauls-drag-race-slang-tuck-sickening-and-more-drag-terms?ref=scroll>. Acesso em: 09 mai. 2019.

FRESSLER, Jeff; RAUCH, Karen. *When drag is not a car race: An Irreverent Dictionary of Over 400 Gay & Lesbian Words & Phrases*. Nova Iorque: Fireside, 1997.

GAMBIER, Yves; GOTTLIEB, Henrik. *Multimedia, Multilingua: Multiple challenges*. In: GAMBIER, Yves; GOTTLIEB, Henrik (ed.). (Multi) Media Translation – Concepts, practices, and research. USA: John Benjamins B.V., 2001. 321 p.

Lea DeLaria on Trump, playing 'Big Boo' on OITNB and how Me Too left out lesbians. Channel 4 News. YouTube. [video]. Duração: 36:56. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0cceqOBnoc0>. Acesso em: 09 mai. 2019.

LUU, Chi. *The Unspeakable Linguistics of Camp*. JSTOR Daily, EUA, 9 Jun. 2018. Disponível em: <https://daily.jstor.org/unspeakable-linguistics-camp/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

MARTINS, Geiza. *Glossário de gênero: entenda o que é cis, trans, não-binário e mais*. Universa. UOL. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/03/19/glossario-de-genero-entenda-o-que-significam-os-terminos-cis-trans-binario.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 abr. 2019.

MEO, Mariagrazia De. *Subtitling dialect and culture-bond language*. Testi e linguaggi, Itália, 2010, v. 4.

NICHOLS, James Michael. RuPaul On Trump: 'Pardon Me Madame, But The Emperor Has No Clothes!'. HUFFPOST. Estados Unidos: HUFFPOST, 2017. Disponível em:

[https://www.huffpostbrasil.com/entry/rupaul-interview-james-michael\\_n\\_58cf394de4b00705db50615d](https://www.huffpostbrasil.com/entry/rupaul-interview-james-michael_n_58cf394de4b00705db50615d). Acesso em: 10 jun. 2019.

NIDA, Eugene. *Linguistics and Ethnology in Translation-problems*. England: Routledge, 1945.

PANDELL, Lexi. How RuPaul's Drag Race fueled pop culture's dominant slang engine. *Wired*, EUA, 22 Mar. 2018. Disponível em: <https://www.wired.com/story/rupauls-drag-race-slang/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

PARDES, Arielle. The evolution of the Bitch. *Vice*. Disponível em: [https://www.vice.com/en\\_us/article/ppmx3m/the-evolution-of-the-bitch-905](https://www.vice.com/en_us/article/ppmx3m/the-evolution-of-the-bitch-905). Acesso em: 03 mai. 2019.

PETTIT, Zoe. *Connecting Cultures: Cultural Transfer in Subtitling and Dubbing*. In: CINTAS, Jorge Díaz (ed.). *New trends in audiovisual translation*. UK: Cromwell Press Group, 2009.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

RAMIREZ, Tanisha Love; BLAY, Zeba. Why are people using the term 'latinxs'. *Huff Post*. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/why-people-are-using-the-term-latinx\\_n\\_57753328e4b0cc0fa136a159](https://www.huffpostbrasil.com/entry/why-people-are-using-the-term-latinx_n_57753328e4b0cc0fa136a159). Acesso em: 23 abr. 2019.

REIF, Laura. De onde vêm as raízes históricas do pajubá, o dileto LGBTQ+ que já foi usado como linguagem em código e instrumento de resistência. *Revista Trip*, Brasil, 11 Fev. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/conheca-as-raizes-historicas-e-de-resistencia-do-pajuba-o-dialeto-lgbt>. Acesso em: 11 abr. 2019.

REMAEL, Aline. *Some Thoughts on the Study of Multimodal and Multimedia Translation*. In: GAMBIER, Yves; GOTTLIEB, Henrik (ed.). *(Multi) Media Translation – Concepts, practices, and research*. USA: John Benjamins B.V., 2001. 321 p.

RITTMAYER, Allison M. *Translation and Film: Slang, Dialects, Accents and Multiple Languages*. *Comparative Humanities Review*, Pensilvânia, 2009, Vol. 3.

ROSA, Alexandra Assis. Features of Oral and Written Communication in Subtitling. In: GAMBIER, Yves; GOTTLIEB, Henrik (ed.). *(Multi) Media Translation – Concepts, practices, and research*. USA: John Benjamins B.V., 2001. 321 p.

RuPaul And Stephen Share A Secret Language. *The Late Show with Stephen Colbert*. Youtube. [video]. Duração: 6:47. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zq0T7ye-Pn4>. Acesso em: 9 mai. 2019.

RUPAUL'S DRAG RACE [reality show]. MURRAY, Nick. VH1. Estados Unidos: 2016, 2017. Los Angeles: World of Wonder. Netflix. Colorido.

RUPAUL'S DRAG RACE ALL STARS [reality show]. VH1. MURRAY, Nick. Estados Unidos: 2018. Los Angeles: World of Wonder. WoW Presents Plus. Colorido.

RuPaul's Drag Race Awards. IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt1353056/awards>. Acesso em: 10 mai. 2019.

RuPaul's Drag Race' Cast Explains The History of Drag Culture. Allure. YouTube. [video]. 2018. Duração: 5:32. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MHIE3RikRi0>. Acesso em: 17 mai. 2019.

RuPaul's Drag Race: why is it so influential?. LatinAmerican Post. Disponível em: <https://latinamericanpost.com/27493-rupauls-drag-race-why-is-it-so-influential>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SILVA, I. T. A.; CAMARGO, J. L.; STETNET, M. T. P.; IFA, S.; BOSCOV, G. T. G. *Michaelis Dicionário Universal Inglês*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003. p. 32.

SKUGGEVIK, Erik. *Teaching Screen Translation: the Role of Pragmatics in Subtitling*. In: CINTAS, Jorge Díaz; ANDERMAN, Gunilla. *Audiovisual Translation - Language transfer on screen*. UK: Palgrave Macmillan, 2009. 271 p.

SOUZA, Lúcio. BALLROOM—Glamour, orgulho e resistência. Disponível em: <https://medium.com/@luciosouza/ballroom-glamour-orgulho-e-resist%C3%Aancia-f8d393e095cb>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SUMMERS, Liz. Ask a crossdresser: crossdressing vs. drag. My Weekend Shoes. Disponível em: <https://www.myweekendshoes.com/2014/09/ask-a-crossdresser-crossdressing-vs-drag/>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Urban Dictionary. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/>. Acesso em: 05 mai. 2019.

Wiktionary. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

Word Reference. Disponível em: <http://www.wordreference.com/>. Acesso em: 03 mai. 2019.